

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO ESTRUTURAL E À NECROPOLITICA EM TEMPOS DE PANDEMIA EM ÁFRICA E NA DIÁSPORA

Vitória Régia Izaú¹

Richard Christian Pinto dos Santos²

António Afonso Delgado³

Alexandre Francisco Braga⁴

A pandemia do COVID 19 trouxe uma série de consequências, tendo sido largamente debatidas pela academia e pelo público em geral os seus efeitos de ordem sanitária, mas também de caráter socioeconômico. As vidas humanas impactadas ou perdidas devido à doença causada pelo Coronavírus têm gerado diversas investigações científicas, sobretudo na área de saúde, sem deixar de ser, entretanto, objeto de interesse de outras áreas do conhecimento. Os impactos na saúde, na economia e no cotidiano das populações dos vários Estados nacionais em África e na Diáspora estão longe de ser “democráticos” como chegou a ser alardeado em primeiro momento pela

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Titular da Universidade do Estado de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/0968387663936927>. <https://orcid.org/0000-0002-0182-0903>. vitoriaizau@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Rua Paraíba, 29, Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30130-140. Telefone: (55 31) 39168696.

² Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão. Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. <http://lattes.cnpq.br/4096996173204619>. <https://orcid.org/0000-0001-9500-8176>. richard.christian@ufma.br.

³ Professor da Universidade de Cabo Verde. Lattes não informado. Orcid não informado. antonio.delgado@docente.unicv.edu.cv.

⁴ Especialista em Gestão de Políticas de Raça pela Universidade Federal de Ouro Preto. Presidente da União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) – Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/2046778469388927>. Orcid Não informado. bragafilosofia@yahoo.com.br.

mídia. Ao contrário, as desigualdades sociais e étnico-raciais têm, visivelmente, se aprofundado, sendo premente que as Ciências Sociais e Humanas sistematizem as denúncias a cerca do agravamento do racismo estrutural já realizadas pela população negra, politicamente organizada.

Além disso, as ações governamentais promovidas por algumas administrações públicas com o objetivo de reordenar a tessitura social a partir da pandemia têm sido apontadas como expressões de uma necropolítica que pode estar ignorando (ou mesmo causando diretamente) a precarização do acesso ao direito à reprodução das condições de vida e de saúde das populações vulneráveis, agindo de maneira genocida contra grupos política e economicamente minoritários. A sociedade civil tem construído variadas dinâmicas de enfrentamento do adoecimento em razão do SARS-CoV-2 e do empobrecimento causado pela interrupção de atividades produtivas durante o isolamento social, seja pela realização de ações diretas, seja pela pressão e judicialização de demandas ligadas às atribuições das gestões de seus países de origem. Mobilizações virtuais e presenciais de diversas modalidades vêm sendo empreendidas, tanto a respeito de questões específicas do contexto pandêmico quanto por conta da persistência das assimetrias sociais historicamente oriundas do racismo, da escravização e do colonialismo.

Para fomentar reflexões teóricas a **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** apresenta o Fórum Especial intitulado *Estratégias de enfrentamento ao Racismo Estrutural e à necropolítica em tempos de pandemia em África e na diáspora*. Os estudos críticos afro-referenciados versam a cerca dos movimentos de resistência promovidos por populações negras em países africanos e da diáspora na realidade atual.

A professora *Rutte Tavares Cardoso Andrade*, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), traz o artigo *Mulheres africanas*,

racismo estrutural e pandemia de COVID 19: um estudo de caso na cidade da Praia em Cabo Verde, uma reflexão sobre a agência das mulheres africanas e sua (re) existência em tempos de Pandemia de COVID 19, no contexto da cidade da Praia, capital de Cabo Verde. O exercício de suleamento fundamenta-se na epistemologia de Mulherismo Africana (Hudson-Weens, 1993) para compreender a agência das mulheres na construção da cidade. A autora tem em devida os processos de ocupação do espaço urbano desta cidade, situando o contexto histórico e cultural e as estratégias de apagamentos das práticas culturais africanas que configuram a identidade cultural de Praia. Historicamente, as mulheres africanas desempenham um papel incomensurável no processo de construção local, não obstante as políticas de exclusão e apagamento do seu lugar social de destaque, ao longo processo de construção das cidades cabo-verdianas.

Já o professor *Erisvaldo Santos*, Doutor em Educação e professor da Universidade Federal de Ouro Preto, apresenta o texto *Comunidades religiosas matrizes africanas e a Pandemia do Covid-19 na região metropolitana de Belo Horizonte*. O artigo é resultado da pesquisa realizada com lideranças das religiões brasileiras de matrizes africanas na região metropolitana de Belo Horizonte e teve como objetivo da investigação conhecer como os terreiros de Candomblé, Umbanda e Omolocô estavam enfrentando a Pandemia do Covid-19. A discussão retomou a história de exclusão vivenciada por uma religião não hegemônica, através de narrativas sobre a relação entre a saúde da população e as práticas de cura da medicina tradicional.

No texto *As táticas e os momentos charneiras produzidos pelas mulheres negras no Brasil e em Moçambique em tempos de pandemia*, produzido pela doutoranda em Estudos Feministas pelo Centro dos Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, *Paula Machava, Elizete Santos, Maria do Socorro Borges da Silva e Linda Maria de Jesus Bertolino*, vamos ler um artigo que versa sobre as táticas e os momentos charneiras desenvolvidas pelas mulheres negras no Brasil e em Moçambique, em tempos de

pandemia da Covid-19. É sob essa perspectiva que se discorre sobre a potencialidade existente na força comunitária exercida por essas mulheres, muitas delas trabalhadoras domésticas, em seus lares e em suas comunidades, de maneira a mostrar como esse mecanismo de força concorre para propiciar cidadania; considerando-se que é no exercício dessa ação que se constitui uma dimensão ética em relação à vida do outro. Para isso, Machava elenca como essas mulheres sabotam a cina do projeto de morticínio programado através do uso de dois conceitos-chave para compreender de forma intensa essa resistência. A filosofia ubuntu e a xitique, que em essência significa a filosofia de solidariedade mútua e uma espécie de poupança coletiva, respectivamente. A xitique é usada como enfrentamento ao modelo de exploração capitalista extrativista em Moçambique. Mas contrariamente ao modelo ocidental de poupança, a xitique envolve não somente dinheiro, mas, ainda, o compartilhar de alimentos, segredos, afetos e conselhos interpessoais.

Já a dupla *Alexandre Braga*, ativista da Unegro (União de Negras e Negros Pela Igualdade) e a Professora Doutora em Educação Vitória Régia Izaú, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Relações Étnico-Raciais (Neper) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), trazem uma instigante abordagem dos novos clamores pela vacina a partir de um novo contexto, já que o anterior de negação da vacinação ocorrido no Rio de Janeiro que levou à Revolta da Vacina, de 1904, deixou marcas que ainda são sentidas, tanto pela falta de saneamento básico em localidades periféricas quanto pela baixa cobertura sanitária nas metrópoles. Que são locais de hegemonia negra, o que, para os autores, exemplifica como a necropolítica age para eliminar corpos negros e indesejáveis do processo societário. Tanto é assim que a grande maioria das mortes por Covid-19 são de pessoas negras, na totalidade das cidades brasileiras. No entanto, se antes na história houve uma imposição da vacina em detrimento do diálogo com os corpos periféricos, tais corpos requisitam novas estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural em tempos de pandemia, que na prática, significa disponibilidade de

vacinação em massa para todos e todas, auxílio financeiro e emergencial para as famílias em vulnerabilidade. Esse artigo se inscreve na confluência das teorizações interdisciplinares dos campos da educação, da história, do campo de públicas e nas teorias organizacionais que buscam fortalecer a luta e se conectar a essas pautas raciais que precisam entrar na cena econômica e na agenda política dos países abordados.

Enfim, já dando *spoiler*, os leitores e as leitoras vão ser introduzidos, inclusive, na língua portuguesa africana e a um letramento racial e econômico cujos eixos centrais são as novas formas de combater o racismo estrutural, as resistências empreendidas pelas mulheres negras e como corpos periféricos enfrentam a necropolítica, plasmada no morticínio e no feminicídio, antes, agora e no pós-pandemia, especialmente no Brasil, nas demais diásporas e em África.

REFERÊNCIAS

Hudson-Weems, Clenora (1993). *Afrikana-wominism: reclaimns ourselves*. Troys: Bedford.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO ESTRUTURAL E À NECROPOLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA EM ÁFRICA E NA DIÁSPORA



Resumo

Apresentação do Fórum Especial “Estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e à necropolítica em tempos de pandemia em África e na diáspora”.

Palavras-chave

Enfrentamento ao racismo estrutural. Necropolítica. Pandemia.

ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO CONTRA EL RACISMO ESTRUCTURAL Y LA NECROPOLÍTICA EN TIEMPOS DE PANDEMIA EN ÁFRICA Y LA DIÁSPORA

Resumen

Presentación del Foro Especial "Estrategias para afrontar el racismo estructural y la necropolítica en tiempos de pandemia en África y la diáspora".

Palabras clave

Confronting structural racism. Necropolitics. Pandemic.

COPING STRATEGIES AGAINST STRUCTURAL RACISM AND NECROPOLITICS IN TIMES OF PANDEMIC IN AFRICA AND THE DIASPORA



Abstract

Presentation of the Special Forum "Strategies for confronting structural racism and necropolitics in pandemic times in Africa and the Diaspora".

Keywords

Confronting structural racism. Necropolitics. Pandemic.

CONTRIBUIÇÃO

Vitória Régia Izaú

Coordenadora geral do Fórum Especial.

Richard Christian Pinto dos Santos

Contribuiu na articulação com os autores africanos.

António Afonso Delgado

Contribuiu na articulação com os autores africanos.

Alexandre Francisco Braga

Contribuiu na articulação para o lançamento do Fórum Especial.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Izaú, Vitória R., Santos, Richard C. P., Delgado, António A., & Braga, Alexandre F. (2021). Estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e à necropolítica em tempos de pandemia em África e na diáspora. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(21), 12-21.